



«O melro, eu conheci-o!»
 «Repicando umas finas ironias»
 «Contava, asseblava alegremente!»
 «Em cima do seu velho chapéu alto,»
 «Comendo alegremente, honradamente!»
 «Tão-me cabo de tudo estes ladrões!»
 «Como élo é melro e sabe assobiar!»

(Com licença do autor)

EDITOR: Luís Teixeira.

PESSOAL CÁ DO ESCRITÓRIO:

Oscar Dinis, Augusto Serra e Costa,
 Julio de Meireles Noronha, ? ? ?

Redacção e Administração: RUA EGAS MONIS, 99

Composto e impresso na Pap., Tip. e oficina de Eno. de F. José de Freitas, Toural, 128 e 129

Propriedade Societária de "O MELRO., = Quinzenário humorístico e literário

O último adeus

Contando apenas 4 números de existência, verdadeira rosa em botão, foi-se ultimamente nesta cidade a galante e encantadora D. Aurora Académica.

A noticia do tristissimo acontecimento, que teve a velocidade dum automovel *Pipe*, causou a mais profunda e dolorosa impressão nesta vetusta e nobilissima Vimarani, onde a saudosa morta contava as mais vivas, as mas arreigadas e mercedas simpatias.

A linda e gentil Aurora sucumbiu aos estragos duma *diarrea-pectoris*, complicada com uma *calolite aguda*, que desde o seu nascimento lhe vinha torturando e minando a

quasi semsabórica existência.

Morreu a D. Aurora!...

Chorai estudantes, chorai;
 Que a D. Aurora morreu;
 Foi ela a mais linda *pêga*,
 Que em Guimarães apareceu.

Infeliz donzela!...

Pobre menina e moça!!...

Eras um verdadeiro anjo... papudo!!!...

No seu funeral incorporaram-se quasi todos os filhos de Minerva; conduzindo lindos *bouquets* de mimosas e cheirosas flores, os distintos académicos srs: J. Lima e S. Pinheiro, e s. ex.^a o sr. A. Veloso uma fenomenal corôa de fuchsias e folhas de trevo, a qual,

vista a certa distância, dava a impressão duma roda do autoônibus que gira daqui para a terra das frigideiras e da terra das frigideiras para aqui! A's gualdras, como diz o nosso João de Deus, (não confundir com o grande lirico amigo das criancinhas) seguraram os srs.: F. Paçô, Acciouli, Mário Guimarães e A. Vasconcelos que se apresentou com a cabeleira desgrenhada em sinal do mais profundo e intimo pesar.

A chave do pequenino esquife foi entregue ao sr. M. Pedroza, carinhoso editor daquela a quem a tirana parca tam cruel e abrutamente fizera abalar para as regiões do desconhecido, roubando-a, assim, estúpida e covardemente, ao alegre e affectuoso convívio da mocidade estudiosa da

nossa terra, dessa mocidade que tam digna e nobremente enverga a capa e a batina!

Junto à campã fria, ainda não regada pelo *órvalho*, o melancólico sr. Adélio, da encantadora e hospitaleira Barcelos, impingiu, numa voz *doce como arminho*, um chistoso soneto da lavra do mimoso vate e nosso austéro redactor em chefe sr. Leão Martins. O sr. Adélio, que recitou com muito mimo e graça, encastuou mais uma pérola-rosa na sua já valiosíssima grinalda de distintíssimo *discur*.

Em seguida *bolou* fala o terceiranista sr. Simão, q'orou muito bem, pronunciando um elegante e burilado improviso, que deixou abananado o inclito auditório, o qual lhe fez uma vibrantíssima manifestação de aplauso quando o impagavel orador descreveu com as côres mais negra e tétricas o *calote*, essa terrível e maldita epidemia, que levou à cova aquela, quem, naquele solenissimo momento, dizia, em seu nome e no dos seus companheiros dos bancos liceais:

Adeus, *Aurora*! Adeus, para nunca mais!...

O sr. Simão, que conhece como poucos os segredos da boa retórica e da arte de bem falar, foi supinamente eloquentissimo; foi grande, gran-

dioso; foi alto, altissimo; tam alto como a torre de homenagem, desse castello que lá em cima, no Cano, altaneiro e orgulhoso se ostenta desde os longínquos tempos da virtuosa D. Muma!

Simão foi rialmente assombroso! Simão foi verdadeiramente piramidal!...

Pum! pum!

Inter amicus non est geringonça, disse o engraçado tagarela, todavia, amigos, amigos; negócios à parte...

As boas contas, fazem os bons amigos. *Imporem*, os amigos da nossa nunca olvidada *Aurora*, foram uns maus amigos, uns amigos de Peniche... Uns péssimos amigos! Uns caloteiros!! Uns refinados e indecentissimos cãiseiros!!!...

Aurora, adeus!

Não posso mais... Estou, como vulgarmente se diz, todo esbodegado!...

Voi! meus sonhos, voi!... na curva da fantasia!...

Aurora! Adeus, até mais ver!...

Disse.

Atraz do pitoresco prestito, os estudantes srs.; Cerejeira, Chico Gouveia, Paiva, R. Meireles e o tirsense Silva Guimarães interpretaram, em lindas guitarras d'ouro e bandolins de prata,

Strauss, Choupin e Wagner, sendo delirantemente ovacionados no *Malhão, Vira, e Vai-le embora*... *Aurora*; subindo porém, a ovação ao pinçaro do delírio quando o simpático académico Chiquinho Pereira Mendes, na sua melodiosa e bem timbrada voz, entoou a suavissima canção da:

Maria cachucha,

Com quem dormes tu?

Eu durmo c'um gato

.....

O *Melro* que, apesar do seu génio alegre e folgassão, vinha desde há muito nutrido pela extinta a mais casta e pura afeição e acalentando uma certa esperança *erótica*, veste rigorosos crepes, apresenta à enojada família a expressão da sua enorme dôr e verte lágrimas de saudade infinda; lágrimas de enternecido e amargo pranto; lágrimas do tamanho de melancias, sôbre o tãmbalo daquela que, em momentos de doce *far-niente*, lhe serviu de bombo de festa e que morreu... de morte macaca!...

Outra sorte nos dê Deus.

Que a terra seja leve, áquela que teve a existência das rosas Malherbe.

Amen!



Cerrando os olhos



I

Eu cá 'stou; e, na verdade,
Conhecido na cidade
Por concertos de valor;
Vou ganhando o meu vintem,
Não incomodo ninguém,
E' verdade... sim senhor...

II

Alem de relojoeiro,
Afamado e verdadeiro
Sou Artista e a primor:
Dou ás vezes, num 'stante,
Um pascante...
E' verdade... sim senhor...

III

Um pascante! na Havanêsa,
Escutam-no com certêsa,
Quer no frio ou no calor:
Dou dúzias e dúzias a eito,
Para isso eu tenho geito...
E' verdade... sim senhor...

IV

Eu cá 'stou; co'a minha moca
Não temo; ninguém me toca;
Tenho coragem, valor:
Não me meto com ninguém,
Já se sabe... até 'stá bem...
E' como diz... sim senhor...

V

Sei contos, sei anedotas,
Interessantes, bem garotas,
Para contar ao leitor!
Algumas bem conhecidas,
Divulgadas, percebidas,
E' como diz... sim senhor...

VI

Ah! Mas voltando ao **pascante!**
O' que coisa tam galante
Que distrai o bom leitor:
Até fico aliviado,
Satisfeito, sossegado...
Sim senhor...

VII

Paz; sossego: bem estar:
O **pascante** a estalejar!
O' que estrondo de valor:
—Pum! Zás! Pum! Zás! Pum! Pum! Zás!
Que alivio para o rapaz,
Sim senhor...

VIII

Sim senhor... é como diz...
Quem dá pascante—é feliz!
Experimente o leitor
E verá:
Gostará...
E' verdade... sim senhor...

Coisas novas e velhas, leves e pesadas

O que nos falta

Diz um jornal qualquer, que se tem notado neste desgraçado país a falta de alpista, aduelas e favas.

Má coisa.

Desgraçado país onde tudo falta, inclusive até a falta de juízo.

Que havia falta de aduelas já nós sabíamos; que alpista importada a pouco chegava, também, atendendo a que há *canário muito fino* a quem é preciso chegar ao bico; mas que de favas estava também precisando o nosso velho Portugal... isso não sabíamos.

E sabendo-o agora, em vez de mandar-mos certa gentinha aquela parte, mandando-la à fava.

Aproveitam melhor o tempo e enriquecem o país.

Tres vezes nove

vinte e sete...

Abateu a crista aos cantadores.
Coitados!

Deitavam já de gato bravo... e tumba, para traz.

Cu: de tristeza por esse Portugal!

Tudo pronto, tudo preparado... e zás, castelo em terra!

Que pena!

Fiaram-se no trunfo... e perderam o jôgo.

Arélia; maldito trunfo!

Agora, cautela, o trunfo é outro; é preto também.

Muito juízo.

A primeira cartada já se jogou. Prudência e cautela com o *jôgo*, Quartel general em Abrantes...

Quem promete deve

(Carta fechada à moinha Alvorada)

A respeito do nosso jornal, V. Ex.^a disse muito; disse até de mais.

Assim é que deve ser.

Em meia dúzia de linhas, se tanto, V. Ex.^a disse... que dizia, e até agora não disse nada.

Bravo, dizer assim é que é dizer muito.

Porém, para dizer só o que disse, era escusado dizer nada.

Sim, porque V. Ex.^a alguma coisa disse, isto é que é a verdade.

Mas se V. Ex.^a dissesse o que deixou de dizer, e deixasse de dizer aquilo que disse, certamente que era dizer mais.

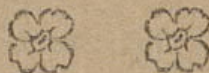
Assim, para nada mais dizer, melhor fôra que nada dissesse.

Porém, esperando até agora pelo que havia de dizer, chegamos à conclusão de que V. Ex.^a disse e deixou de dizer.

Por isso, não precisamos que V. Ex.^a diga mais.

E' lógico e bate certo.

AVA.



Sem competência

Como *cidadão* d'altos mer'cimentos, podendo ser também bom *covalheiro*, temendo o mais horrível dos tormentos ao encontrar o bolso sem dinheiro

E podendo sahir dos dissabôres que soffro com a falta de tostões, dispensando os amigos e favores no dia das renhidas eleições,

Resolui pôr meu voto a concurso e deixar-me fazer figura de urso prevenido a carteira a casos criticos;

E a quem me pagar bem 'inda depois garanto apresenter uns outros dois que usualmente faltam aos politicos.

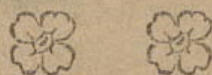
TIRTEU.

Resando oitavas:

V

Rev'rendo Tomasinho: eu vou falar.
Conselhos que lhe dou, queira atender:
Um padre nunca deve namorar,
E você gesta muito de o fazer...
Lá que seja um namoro p'ra brincar.
Então já nada tenho que dizer,
E p'ra mais, se for bispo nomeado,
E' ter cabeça baixa e... estar *mitrado!*

PALITO.



O Souza

O nosso último número fez um sucesso!

O que se chama um verdadeiro sucesso!...

Uma coisa nunca vista, palavra de honra!

E porquê?! Perguntarão vossas excelências?

Por causa do Souza. Vossas excelências não viram a fotografia dele no último número de *O Melro*?

Viram ou não?

De risca ao meio e colarinhos de ida e volta!... Que simpático! Que palminho de cara! Que olhinhos brejeiros!... Que boquinha tentadora e que bucosinho tão lindinho!... Está mesmo, mesmo um amor!... Um apetite!...

Adêus ó Souza! Como estás tu ó Souza?

O' Souza analisa-me as urinas e vende-me dois sinapismos de rig lot. Sim, Souza?

O' Souza tam lindas moças
O' Souza tam lindas são;
Eu quero bem ao Souza,
Da raiz do coração.

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo)

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta; para instrumentos também de peles e ferrinhos; para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar sentimentalmente, senão... lá se vão a festa...
Clave de sol: tom maior...)

XVII

Toda a palha enche palheiro,
Todo o fiado faz pano;
Quem casa com mulher magra
Tem bacalhau todo o ano.

XVIII

Estes rapazes de agora,
Franganitos de um vintem,
Prometem déreis às almas
A ver se a barba lhes vem.

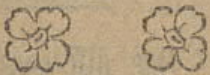
XIX

Oh minha guitarra nova,
Feita de pau de cortiça;
A's velhas, arruma, arruma,
A's moças, atiça, atiça!

XX

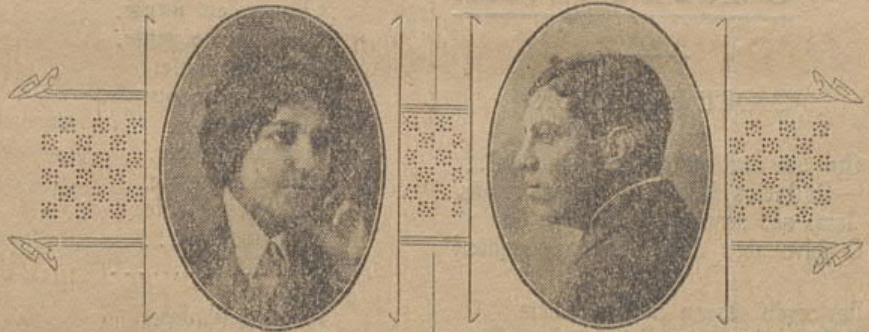
Encontrei o dá e toma
Na rua do toma lá;
Inda não vi dá sem toma,
Nem toma sem deita cá.

(CONTINUA.)



Previnem-se os Srs.
assinantes que, para
efeito da cobrança, só
são válidos os recibos
que levem no verso o
carimbo da casa co-
mercial ANGELA LO-
BATO.

◆◆◆ EM FOGO: ◆◆◆



ENCONTRA-SE nela todas as características que distinguem as apreciáveis e sublimes filhas de Guimarães.

A beleza superior que lhe adorna o rosto um tanto pálido, é de veras encantadora, archaba um espírito amoroso.

Aquele olhar refulgente, triste de santa, fascina quem o olha, enleva a alma de quem o observa, dá alento e suavidade a um coração agitado pela dor! Tam brilhante éle é que eu

Percorro os astros do ceu,

Percorro o brilho da terra,

Mas o brilho mais lusente,

O seu olhar o encerra!

Divinisada pela elegância que lhe existe no corpo encantador, vêmo-la seguir entre essa fileira de criancinhas orfãos a quem a morte roubou os pais queridos, tratando deles com cuidado maternal, guiando-as com a ternura dum anjo.

Caro leitor: vai contemplá-la.

Olha-a: Aspeto de pensadora inspirada e absorvida na miscicidade que envolve as altas e escabrosas geleiras da Sibéria, espalhando constantemente sorrisos que lhe brotam dos lábios! Diz-me: É linda ou não é linda?

ELE é... é... é o Albertinho

Costa, aquele que aterrorisa, levanta e alvoroça a pacatez da cidade com a velocidade espantosa do seu automóvel a quem deve o remorso profundo de já ter assassinado alguns... gatos e cães, e uma boa rachadela na cachimóri que o esteve a levar para as regiões negras e crueis do esquecimento.

Já lá dizia Shakespeare: "os que correm com muita velocidade quasi sempre escorregam..."

Além de ser um distincto sportman é também um valente conquistador de... damas bem dancantes honrando, assim, a raça a que pertence.

Com certeza ainda não viajou ás terras longínquas da Argentina cá como o pássaro da vossa adoração mas isso não obsta a que tenha piada fresquinha e da boa.

Conhecem-no?

E'.. éle... é, sim senhor...

PALITO.

CAPUCHO.

Plebiscistos de "O Melro,,

(Secção quinzenal)

O QUE É O AMOR?

O QUE É O AMOR?

Um Ceu azul no inferno desta vida!...
—Os labios de carmim, roseas romãs,
Como nos sonhos da constante lida
O fulvo abrir da aurora das manhãs!

Par'cendo vêr em cada borboleta
Que, ao sol, os raios d'ouro nos lampãjam,
Españejar-se a sua trança preta
Sobre o nácar do corpo que Anjos beijam!

Qual pomba do Carmelo, é Ela, é Ela!
Luz de minha alma, scintilante estrela,
A minha Lira a divulgar-me a dôr!...

Não serei vil se não cantar aqui
O rosto belo que quiz ver e vi
Sendo certo chamar-lhe o meu "Amor,,?!

R. E.

O QUE É O AMOR?

Amôr: é sentimento mui sincero,
É um erro que na campã se desfaz,
É o desejo do sim, amado e austero,
É minha Pátria (Azul e branco a Paz);

É verdade aparente do Porvir,
É o Passado repleto d'ilusões,
É doença que fere os corações,
É tristeza iludida no sorrir;

É origem do ciume e do rañcôr,
É por vezes, a origem da Ventura,
É um mal que nos leva à sepultura;

É o viver neste mundo enganador,
É lembrança da Vida já passada,
É o affecto que tenho à minha amada,

Porto—1913.

ANTÓNIO ABÍLIO DE MESQUITA.

O QUE É O AMOR?

O Amor é uma serpente,
Que se enrosca à gente.

E de repente,
Olha-se em frente,
E faz que a gente,
Fique contente.
Passa-se ao quente,
E ternamente,
Fica a semente,
Que docemente,
Faz que rebente,
Um inocente...

Foi Cupidinho,
Esse traidor,
Quem semeou,
Setas d'Amor.

Guimarães.

LULÚ.

O QUE É O AMOR?

O amor é um *rufia* alucinado que,
sem dó nem piedade, esfaqueia os
corações amantes.

PALITO.

O QUE É O AMOR?

Perola arrastada pelo oceano da
vida ao arcal da Recordação, para
cingir o peito duma mulher que vela
o horisonte da Saudade.

UMA JOVEM,

O QUE É O AMOR?

O amor é o cume da nossa auro-
ra. É rosa que enche de perfume
a nossa mocidade. Sem o amor, a
vida era um desterro.

O amor, sendo correspondido,
por uma mulher bõa, bonita, nova,
e principalmente rica, é uma felici-
dade. Não sendo assim é uma bes-
tialidade e uma grande doídice,

RATINHO,

O QUE É O AMOR?

O amor é uma figura por meio da
qual dizemos umas vezes o que não
sentimos e sentimos outras o que
não dizemos.—UM RETÓRICO.

O amor é uma pilula muito amár-
ga, adoçada por fóra para que não
repugne ao paladar.—UM FARMA-
CEUTICO.

O amor é preito da vida.—UM
ADVOGADO.

O amor é uma escamoteação da
verdade.—UM PRESTEDIGITADOR.

O amor é um salto mortal.—UM
ACROBATA.

O amor é uma enfermidade rara,
que requer para cada casa um tra-
tamento especial.—UM MÉDICO.

O amor é o nada envolto numa
ilusão—UM FILÓSOFO.

O amor é um manjar apetitoso,
porém, indigesto—UM GASTRÓNOMO.

O amor é uma especie de dente,
que se não pode arrancar sem dôr.
—UM DENTISTA.

O amor é uma bota, que só quem
a calça é que sabe onde lhe aperta.
—UM SAPATEIRO.

O amor é, ... o mar.—UM MARI-
NHEIRO.

O amor é uma corrente eléctrica
estabelecida entre dois corações.—
UM FÍSICO.

Que diferença há en-
tre o riso e o pranto?

A todas as pessoas pedimos os
seus pareceres, que serão publica-
dos no próximo número do nosso
jornal.

Não sejas má

Quando te finges má chego a pensar
Que por mim já não tens nenhum amor.
Mas ao ver que me fitas com ardor
No teu amor eu volto a acreditar.

Tu mesma não supões que este calor
Que sinto no meu peito, por te amar,
Possa desaparecer ou afrouxar
Se algum dia me mostras desfavor.

Tu sabes que não creio em teu desprezo.
E que a ti p'ra sempre me tens preso,
Não precisas, de certo, que eu t'o diga.

Deves pois aceitar-me como espelho,
E seguir, meu amor, o meu conselho:
Mostra-te sempre muito minha amiga.

E.

Pelo monóculo do "sôr., doutor

O que se Observa:

Muito parlapatão a discutir política e muito patarata a dizer asneiras.

Não é para estranhar. Foi sempre assim. Mas como há quem goste. Deus os cubra e os proteja Amem!!

O enterro da D. Aurora.
A família anojada os nossos sentimentos.

Que a terra lhe seja leve!

A retirada precipitada das medalhas do Machadoinho.

Que pena!
Mais uma igreja que acaba de ser demolida.

Que o trufo deixou de ser espadas, para ser paus.

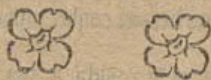
Muita gente de beija caída.
E' o que acontece a quem asira muita coisa.

Os nossos académicos a terem outra vez de *grammar* com o Ferrer!

Protestar, será perder o tempo.

A tardia colocação dos jornais no gabinete de leitura da Sociedade M. Sarmento.

Providências ao bibliotecário para que não os retenha em seu poder.



Preço da assinatura

Trimestre, 12 centavos (120 reis); pelo correio aumenta 3 centavos (30 reis) para o porte e cobrança

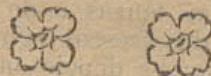
Preços das publicações

Anúncios e comunicados, linha 4 centavos (40 reis); repetição, linha 2 centavos (20 reis); anúncios não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

AVISO

Está em cobrança o primeiro trimestre do nosso jornal.

A todos os estimados assinantes pedimos o favor do seu imediato pagamento, facilitando, assim, a boa *marcha do cantador*.



Referências ao nosso cantador:

"O Melro" — Reapareceu este interessante quinzenário cuja visita agradecemos. Fazem parte da sua direcção, entre outros, os nossos amigos Luís Teixeira Jacinto e Leão Martins.

Gostosamente vamos permutar, desejando ao presado colega muitas prosperidades.

(Do "Ecos de Guimarães").

"O Melro" — Recebemos a bela revista humorística-literária "O Melro..", que penhoradamente agradecemos.

Vem muito interessante. Traz as fotografias dos perfilados e a caricatura dum dos cavalheiros mais populares de Guimarães, além de colaboração escrupulosa e com chiste.

(Do "Ecos do Minho de Braga").

(CONTINUA).

— "O Melro.. agradece: obrigado

SECÇÃO LITERÁRIA

PELA ALDEIA

PARA as bandas do Ave, o sol, já a declinar, coando-se pelas ramarias densas dos salgueiros, caía precepitado sobre as águas claras, tingindo-as de fogo.

Sol tam brilhante, tão vivo, que subia como que bailando pelo rio acima.

E correndo, o rio, indiferente, escondia-se ali, por de traz dum outeiro umbroso, para depois se precipitar além, e escapar-se por entre um renque fechado de loendros, e seguir sempre, para lá mais para o fundo, para perto da rústica ponte, morder languidamente as pernas tenras e de carnes macias das frescas lavadeiras, e espalhar-se depois em escumilha prateada e desfazer-se em beijos de espuma loura...

Seguia manhosamente em socego, calando as paixões e os desejos.

E o sol fugia, rio acima, pres-tes a abandonar o dolente sus-surro das águas, o agradável frescor do leito, o ativo e aere cheiro das algas e o macio en-costo das margens.

E enquanto o rio em mur-muracões de vozes abafadas cor-ria ansioso, enleado de recor-dações, o sol ia-lhe roubando a carícia e o afago, e escapa-va-se lá muito ao longe, por entre arvores capadas e esguias, para subir depois em peregrí-nação custosa, pelos montes al-cantilados que do alto espreita-vam o rio.

E lentamente, a noite ia des-cendo silenciosa e quente, mer-gulhando todo esse lindo scená-rio na claridade desmaiada do meigo e sugestivo luar.

Nas dobras fundas dos cêr-ros, a casaria branca escondia-se nas sombras pesadas dos al-tos montes; dos almargens des-ciam contentes, a saltar, os tou-

ros travessos e os bois novos; as lavadeiras, no rio, de saia presa á cinta e braços arreman-gados, atarefadas, juntavam a roupa branca, que estendida no arrelvado fofo e macio dos de-clives proximos, estivera á acção forte do sol; outras, já na estrada, de alguidares pejados de roupa retorcida, caminhavam tristes, rubras de desejos, ar-fando de causaço, tendo sede de beijos os seus labios quentes e vermelhos que se fechavam em botão de rosa, e falta de expres-são, de amor, os seus olhos gran-des que se moviam indiferentes.

Longe, balavam ainda as ove-lhas.

Uma aragem fresca, trazia dos campos desertos e dos al-pendres distantes, o cheiro sua-ve do fêno e daservas trilha-das.

As arvores ramalhudas pro-jetavam sombras grotescas pe-los campos largos.

E a noite adeantava-se, es-palhando dela natureza o sonho e o silencio...

A. V.

A CAPRICHOS

(A' minha presada amiguinha
H. Freitas Guimarães)

Pedes-me, na tua carta, com fervor,
Para meus tão lindos sonhos te contar;
Mas, se tua alma é que me os vem povoar,
Para que te os hei-de contar, meu amor?!

Que te diga se é rosida a sua côr,
Se ha neles visões lindas como o luar,
E qual o vulto o que me os vem inspirar,
Ai! a mim a quem tu chamas sonhador!

Dá cá tuas mãos de pequenina fada,
Olhos postos nos meus: vá, se quer's saber
Qual o vulto que eu em meus sonhos diviso;

E' o teu! E' a tua imagem adorada,
Que minh'alma em festa vem adormecer,
Como um anjo que surgisse do p'raizo!

1915,

ROLANDO,

Devaneios

(A' EX.^{ma} SNR.^a D. A. M. CUNHA)

Quando eu partir p'ra Jornada
de que se volta jámais,
não te esqueças, minh'amada,
de meus suspiros e ais...

Eles são sombras d'Amor,
Vão-se p'ra não voltar mais.

Os beijos que antigamente
te dei na face gelada,
doce, freneticamente,
não sei d'elles a morada...

Foram sem se despedir,
n'uma brusca retirada!

Encanto de noites belas!
—que grata recordação!—
Em cima um mundo d'estrelas,
cá em baixo um mar de paixão...

Em cima um Astro a velar,
cá em baixo uma Adoração!

Se um dia morresse o Amor,
tudo perdido estaria:
t'ria de murchar a Flor
que em meu peito rofloria...

Então findaria o Mundo,
porque uma Deusa morria!

Morrer! ah não morrerás!
não fenece o divinal;
morrem noites e manhãs,
mas tu não, mulher fatal...

Tudo morre n'esta Vida,
só Tu serás imortal

Guimarães — 1915,

EDUARDO PASSOS.